

A CONSTRUÇÃO DA DESIGUALDADE NO HAITI: EXPERIÊNCIAS HISTÓRICAS E SITUAÇÕES ATUAIS¹

Renata de Melo Rosa*

RESUMO

Este artigo discute os supostos das desigualdades sociais/raciais no Haiti contemporâneo, a partir da observação dos processos históricos de formação das elites e sua gravitação em torno do poder do Estado. Para análise dos mecanismos de construção da desigualdade no Haiti contemporâneo, a pesquisa foi dividida em três momentos: a) pesquisa bibliográfica; b) entrevistas com haitianos residentes no Brasil e na República Dominicana, brasileiros recém-chegados do Haiti com alguma participação na Missão de Paz do Brasil no Haiti - MINUSTAH e c) interpretação dos dados à luz da literatura selecionada. Ao longo da pesquisa, o racismo e o colonialismo manifestaram-se como os dois grandes núcleos de atualização da desigualdade no Haiti. Mesmo após duzentos de independência formal, a nação ainda convive de modo tenso com estas categorias estruturantes da organização social, política, econômica e intelectual. Existem dois processos distintos de emancipação colonial: um que incide na luta violenta de expulsão dos colonizadores e outro na reestruturação da nação descolonizada rumo a um modelo societário de negação do racismo e do colonialismo. No Haiti, a primeira etapa da descolonização já foi realizada, a outra ainda está por vir, pois o combate anti-colonialista não inaugura, em si mesmo, a perspectiva nacionalista. No Haiti, falta especificamente a discussão da perspectiva nacionalista, que sugere um companheiro profundo e horizontal e a celebração da igualdade dentro dos limites da nação. A falta de organicidade das elites é evidente, já que, ao longo de duzentos anos, não conseguiram romper a cápsula ideológica que engloba o racismo e o colonialismo.

PALAVRAS-CHAVE: Haiti. Desigualdades. Racismo. Colonialismo.

Introdução

Um legado a comum a todo o mundo pós-colonial é a situação de desigualdade em que se encontram grupos historicamente discriminados e desprivilegiados em diversas partes do mundo. Essa desigualdade constrói-se historicamente como desigualdade racializada a partir do século XIX, fundando-se em noções de raça e cor disseminadas, a partir de construtos ocidentais, na África, Américas, Caribe e Ásia. Noções ocidentais de raça fundam também construtos relacionados que desvalorizam identidades e grupos não-

* Coordenadora do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília.

¹ Este artigo é fruto de reflexão surgida a partir da orientação de iniciação científica – PIBIC/UNICEUB, de mesmo título deste artigo.

brancos. Esses grupos sofrem assim discriminação em várias esferas importantes como escola, trabalho e ascensão social.

Este artigo problematiza os supostos das desigualdades sociais/raciais no Haiti contemporâneo, a partir da observação dos processos históricos de formação das elites e sua gravitação em torno do poder do Estado. O nosso marco referencial centrou-se na seguinte questão: quem é desigual no Haiti? Como se elabora a hierarquia? Perguntas como estas foram basilares para tematizar desigualdades em um país racialmente homogêneo, com aproximadamente 95% da população composta por negros e mulatos, que a despeito disso, produz mecanismos de desigualdade baseados em critérios que extrapolam a oposição branco/negro, mas reproduz assim mesmo dicotomias entre negros e mulatos; letrados e não letrados, porto princenses e camponeses, falantes de kreyòl e falantes do francês, homens e mulheres, etc. Os mecanismos de atuação, atualização e perpetuação destas diferenças foram objeto de estudo desta pesquisa.

No Caribe, e em especial no Haiti, a herança colonial não conseguiu apagar os efeitos nocivos do racismo colonial, que continuam no período pós-colonial. Assim, existe uma re-leitura pós-colonial da desigualdade que é extremamente complexa, já que perpetua, por um lado, e por outro modifica ou atualiza construtos e mecanismos de desigualdade de origem colonial, adicionando a estes novas categorias e práticas discriminatórias. Nesse sentido, o Haiti talvez represente um caso paradigmático, em que após o final do jugo colonial, seguiram-se duzentos anos em que tanto a herança colonial quanto novas práticas e construtos discriminatórios atuaram de maneiras complexas para (re) produzir uma sociedade fragmentada e desigual.

1. Males do Haiti: racismo e colonialismo

O Haiti foi a primeira colônia a se tornar independente, em 1^o de janeiro de 1804. Sua revolução foi protagonizada por escravos, que além de possuírem o interesse pela libertação nacional, lograram a abolição da escravatura. Entretanto, após dois séculos de independência, o povo haitiano ainda não conseguiu consolidar uma nação que fosse propriamente igualitária capaz de instaurar a igualdade política, social e econômica.

O valor atribuído contemporaneamente aos haitianos a partir de imagens que lembram uma “Armada Canibal²” ou cidadãos “desmiolados³” reside na tematização altamente negativa dos processos históricos que acompanham a construção da própria nação haitiana. De acordo com Aimé Césaire, a idéia do negro bárbaro é uma invenção européia⁴ e, portanto deve ser amplamente problematizada, tanto do ponto de vista histórico quanto da história dos conceitos que gravitaram em torno das nações negras, já que os condicionamentos ideológicos do racismo e do colonialismo impulsionaram inúmeros intelectuais a forjarem uma visão de mundo do Haiti inscrita a partir da selvageria e da barbárie, fundamentadas, sobretudo a partir da idéia de raça.

² Ver Pierre-Charles, Gerard. “Crisis del Estado e Intervención Internacional en Haití” In: Revista Teoria e Debate, no. 59.

³ Ver Revista Veja, 22/02/2006.

⁴ Ver Aimé Césaire, Discurso sobre el Colonialismo, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1955, p. 19.

Para entender a construção da desigualdade no Haiti, objeto de estudo deste artigo, é necessário trilhar o caminho anterior àquele que conduz à reflexão detalhada dos processos históricos de formação das elites haitianas e sua alternância em torno de poder do Estado: a composição, ideologias, interesses e grau de organicidade destas elites com os demais setores da nação constituem, sem dúvida, objeto de reflexão deste trabalho. No entanto, a ênfase inicial será dada à densidade da herança colonial reprodutora dos mecanismos ideológicos de atualização da hierarquia e da desigualdade.

A relevância deste ensaio incide no pensar de um lugar estrito deste país que, sendo o mais pobre e o mais negro das Américas, convive com uma reinterpretção do colonialismo inscrita na composição de suas elites, extremamente fragmentadas nos campos político, econômico e intelectual e todas organicamente desarticulada da sociedade civil haitiana. É necessário, contudo, antes de desagregar analiticamente a composição das elites haitianas, ir até às origens epistemológicas da desigualdade haitiana. Trata-se de problematizar as sementes originárias desta nação: o colonialismo e o racismo e sua relação causal, sem, contudo indicar qualquer principalidade.

Compartilhar o conceito de colonização enunciado por Aimé Césaire para entender as desigualdades geradas no seio de uma nação libertária como o Haiti não é apenas comungar de sua reflexão teórica, senão decantar as contradições coloniais mais elementares, as quais, uma a uma, somam-se na composição de quadro denso de reprodução das desigualdades. De acordo com Césaire:

“¿qué es en principio la colonización? Ponerse primero de acuerdo en lo que no es: ni evangelización, ni empresa filantrópica, ni voluntad de hacer retroceder las fronteras de la ignorancia, de la enfermedad, o de la tiranía, ni propagación de Dios, ni difusión del Derecho (...) yo creo que la hipocresía data de fecha reciente: que ni Cortés cuando descubre México desde lo alto del gran teocalli, ni Pizarro frente al Cuzco (mucho menos Marco Polo frente a Cambalúe), se quejan de ser los proveedores de un orden superior: que mantén, que saqueen; que lleven cascos, lanzas y codiciosos propósitos; que los impostores vinieron después; que el máximo responsable de esto es el pedantismo cristiano, por haber planteado las deshonestas ecuaciones de *cristianismo-civilización*, *paganismo-salvajismo*, de las que no podían por menos que desprenderse abominables consecuencias colonialistas y racistas cuyas víctimas serían los indios, los amarillos y los negros⁵”.

A reflexão de Césaire é extremamente importante para a compreensão do Haiti, especificamente a partir da linha ideológica de continuidade do colonialismo, no que diz respeito ao lugar tanto da cosmovisão cristã quanto de sua expressão institucional e política desempenhada no Haiti. De acordo com Aristide, ex-presidente haitiano:

“na longa luta travada contra as ditaduras pós-Duvalier, sempre deparamos com a hierarquia católica barrando o caminho da emancipação (...) Entre os

⁵ Aimé Césaire, op. cit., p. 6.

Estados que se empenham em retardar a volta ao processo democrático, creio que é preciso incluir os primeiros escalões do Vaticano⁶”.

É necessário refletir a respeito do que a nação haitiana expressa como paradigma do produto colonial. Se o racismo e o colonialismo são os dois grandes males do Haiti, a nação ainda os está regorgitando, após duzentos anos, na tentativa de um renascimento político, social e cultural. O veneno destes males fundou a nação, com todas os exageros derivados de um racismo e de um colonialismo conduzidos às últimas conseqüências, irradiados desde os colonos franceses aos altos escalões do poder napoleônico. Somente no momento em que Césaire resgata a carnificina estruturante do colonialismo, através de discursos tanto de políticos quanto de intelectuais⁷, nos quais a hierarquia racial está naturalizada, é que o leitor torna-se capaz de perceber a emergência do nazismo como um processo de amadurecimento da barbárie européia cometida contra africanos, indígenas de todas as Américas e Ásia:

“esas pavorosas carnicerías, no lo he hecho buscando una morbosa delectación, sino porque pienso que de esas cabezas de hombres, de esas recogidas de orejas, de esas casas quemadas, de esas invasiones góticas, de esa sangre humeante, de esas ciudades que se evaporan al filo de la espada, no nos desharemos tan fácilmente. Todo esto prueba que la colonización deshumaniza aun al más civilizado de los hombres; que la acción colonial, la empresa colonial, la conquista colonial, basada en el desprecio al hombre indígena y justificada por ese desprecio, tiende inevitablemente a modificar al que la emprende; el colonizador se habitúa a ver en el otro a la bestia y a tratarlo como bestia (...)”⁸”

Segundo Césaire, o sentido de coisificação do outro se constituiu como o principal mecanismo de vigor do colonialismo. Este sentido encontrava-se, em grande medida, alimentado pela concepção cristã de mundo, uma ideologia total – nos termos de Marcel Mauss⁹, em conflito sistemático com as idéias e valores autóctones ou mesmo da diáspora africana. Na condição de padre e militante por uma teologia da libertação, Aristide chegou ao poder no Haiti em 1991 a partir de uma postura de confrontação ao colonialismo que, segundo ele, estrutura as relações de poder haitianas:

“No Haiti, quando um padre, um francês, em nome de sua fé, apostrofava o camponês denunciando as celebrações do vodu como uma lata de lixo de

⁶ Jean Bertrand Aristide, *Todo Homem é um Homem (Tout Moun se Moun)*. São Paulo: Paz e Terra, 1995, p. 171.

⁷ Dentre eles destacam-se o Coronel de Montagnac, Saint Arnau, Renan, Marechal Bugeaud, Comonadante Gérrad, Carl Siger, dentre outros.

⁸ Aimé Césaire, op. cit., p. 11.

⁹ Ver Marcel Mauss, “Ensaio sobre a Dádiva” In: Coleção Grandes Cientistas Sócios/Marcel Mauss. São Paulo: Ed. Ática. 1995.

superstições, eu sentia a revolta subir-me a cabeça. Rejeitava o seu discurso, que eu equiparava a um roubo¹⁰”.

A instauração de uma contradição elementar entre sujeitos e visões de mundo, no imaginário tanto de colonizados como de colonizadores, inspirou Frantz Fanon a concluir que os negros vivem no mundo dos brancos de forma absolutamente contraditória e que tal contradição é vivida especialmente no imaginário e não necessariamente na presença ou ausência de brancos em países negros ou vice-versa, referindo-se ao fato de que categorias racistas e colonialistas continuam a ordenar os modelos societários das experiências pós-coloniais. As hierarquias baseadas na raça não foram completamente abandonadas e, em muitos casos, o modelo colonial haitiano permaneceu intacto, embora fosse paradoxalmente ocupado por sujeitos negros. Fanon parte do seguinte princípio: se o mundo colonial é um mundo compartimentado, cortado em dois, quais os ângulos a partir dos quais irá se organizar a sociedade descolonizada¹¹? Fanon retrata os lugares fixos dos colonizadores e colonizados, a divisão espacial contraditória das cidades coloniais e a violência como instrumento de manutenção desta ordem fixa. De acordo com o autor, “os intermediários do poder utilizam uma linguagem de pura violência¹²”. A pergunta de fundo é: como reconstruir a sociedade pós-colonial sob bases ideológicas capazes de se antagonizar com a ordem colonial?

“la zona habitada por los colonizadores no es complementaria de la zona habitada por los colonos. Esas dos zonas se oponen, pero no al servicio de una unidad superior. Regidas por una lógica puramente aristotélica, obedecen al principio de exclusión recíproca: no hay conciliación posible, uno de los términos sobra. La ciudad del colono es una ciudad dura, toda de piedra y hierro. Es una ciudad iluminada, asfaltada, donde los cubos de basura están siempre llenos de restos desconocidos, nunca vistos, ni siquiera soñados (...). La ciudad del colono es una ciudad de blancos, de extranjeros. La ciudad del colonizado, al menos la ciudad indígena, la ciudad negra (...) es un lugar de mala fama, poblado por hombres de mala fama, allí se nace en cualquier parte, de cualquier manera. Se muere en cualquier parte, de cualquier cosa. Es un mundo sin intervalos, los hombres están unos sobre otros, las casuchas unas sobre otras. La ciudad del colonizado es una ciudad hambrienta, hambrienta de pan, de carne, de zapatos, de carbón, de luz. La ciudad del colonizado es una ciudad agachada, una ciudad de rodillas (...). Es una ciudad de negros (...)”¹³.

As discrepâncias estruturantes do modelo colonial fizeram com que o colonizado alimentasse, segundo Fanon, o desejo de ocupar o lugar do colonizador, gozar de todas as vantagens sociais, econômicas e políticas, de forma absolutamente desvinculada da

¹⁰ Jean Bertrand Aristide, op. cit., p. 54.

¹¹ Frantz Fanon, *Los Condenados de la Tierra*. México: Fondo de Cultura Económica (FCE), 2001, p. 32.

¹² Idem, p. 33.

¹³ Idem, pp. 33-34.

população. A ordem colonial, alinhavada pela cosmovisão cristã, conseguiu construir a imagem do homem branco como um deus.

Os movimentos pós-coloniais foram, de fato, motivados no sentido de ocupação do lugar do colonizador e não necessariamente, a inversão da ordem colonial rumo à sua completa negação. No Haiti, como em tantas outras colônias, os negros ocuparam o lugar dos brancos, reproduzindo e atualizando as mesmas linguagens de “pura violência” e legitimando a dicotomia racial. Para Fanon, “el colonizado tiene la posibilidad de percibir en una inmediatez absoluta si la descolonización tiene lugar o no: el mínimo exigido es que los últimos sean los primeros¹⁴”. No contexto pós-colonial haitiano, ficou evidente que a Revolução revelou o seu fim no momento de substituição dos brancos pelos negros no poder. O relato de Aristide é sintomático em relação a este aspecto:

“as elites retomaram freqüentemente os piores princípios do imperialismo. Como eu já escrevia em 1979 num texto cantado: “há grandes e pequenos colonos, há colonos brancos e colonos negros¹⁵”.

O colonialismo haitiano vivido contemporaneamente tem como seus principais guardiões os executivos de bancos e organismos internacionais que reproduzem as relações de poder, sob os auspícios de outra potência colonizadora: os Estados Unidos. De acordo com Césaire:

“(…) en la actualidad, son los nativos de África y Asia los que reclaman escuelas y que es la Europa colonizadora la que las niega; que es el hombre africano el que pide puertos y carreteras, que es Europa colonizadora la que, en este sentido, regatea; que es el colonizado el que quiere marchar hacia adelante, que es el colonizador quien le corta el paso (...) y en la actualidad, la barbarie de Europa occidental es increíblemente grande, sólo sobrepasada y ampliamente, por otra: la norteamericana¹⁶”.

2. Composição das elites haitianas:

2.1 – Elites políticas:

A partir destas reflexões, o quadro de atualizações das desigualdades haitianas torna-se bastante familiar ao modelo colonial. Apesar de o processo político de emancipação colonial haitiana ter sido notável na história da descolonização nas Américas e a luta negra haitiana de confrontação ao poder branco colonial haver marcado o imaginário das elites agrárias de toda a América Latina e Caribe¹⁷, o processo revolucionário iniciado por Toussaint L’Ouverture perdeu força em meados do século XIX,

¹⁴ Idem, p. 40.

¹⁵ Jean Bertrand Aristide, op. cit., p. 60.

¹⁶ Aimé Césaire, op. cit., p. 15.

¹⁷ No Brasil, a historiadora Célia Marinho de Azevedo retratou a angústia da elite agrária colonial em supor que este mesmo modelo de revolução pudesse ser reproduzido no Brasil. Ver *Onda Negra, Medo Branco, o negro no imaginário das elites: século XIX*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

mediante o próprio enfraquecimento político deste líder, acusado de inúmeras traições à Coroa Francesa diretamente e à Coroa Espanhola indiretamente¹⁸, amargando seus últimos dias em uma cela na França. No entanto, outros líderes negros sucederam L'Ouverture: Jean Jacques Dessalines, Henry Christophe e Alexandre Péthion foram os mais notáveis. Inseridos desde o período revolucionário na categoria de uma elite ex-escravizada ou liberta, os líderes políticos não conseguiram criar condições favoráveis para o amadurecimento e acabamento do processo revolucionário referente à devolução da autonomia econômica, social e, sobretudo política a todos os escravizados da nação recém-criada. Pelo contrário, a elite política institucional no período pós-colonial reproduziu tanto na infra como na super-estrutura os mesmos vícios do modelo colonial, realizando um movimento de mera substituição de quadros. De acordo com Murray¹⁹:

« Os três generais negros mais importantes – Toussaint, Dessalines e Christophe – pertenciam todos à categoria dos escravos « crioulos », nascidos na colônia, não na África(...). Os presidentes mulatos que se seguiram a Dessalines tinham, é claro, ainda menos afinidade com os elementos africanos da vida haitiana. Péthion foi educado na França; seu sucessor, Boyer, entrou para a história como o presidente que comprou da Mãe-Pátria a independência do Haiti várias décadas depois de seus antecessores a terem ganho no campo da batalha. Em suma, por motivos que valem uma investigação mais profunda, as rédeas da liderança desde os primeiros momentos da revolta haitiana caíram nas mãos de indivíduos cujos antecedentes os faziam pender para a admiração geral, se não dos franceses como indivíduos, ao menos das instituições, maneirismos e linguagens franceses ».

Dentre os vícios do modelo colonial herdados pelo pós-colonialismo está o que Frantz Fanon qualificou da relação de contradição entre colonizador e colonizado, a partir de uma interação complexa, de admiração e repulsa impressas tanto nas categorias de pensamento mais elementares quanto nas mais elaboradas. De acordo com Fanon:

“la descolonización es el encuentro de dos fuerzas congénitamente antagónicas que extraen precisamente su originalidad de esa especie de sustanciación que segrega y alimenta la situación colonial. Su primera confrontación se ha desarrollado bajo el signo de violencia y su cohabitación – más precisamente la explotación del colonizado por el colono²⁰.”

Talvez o Haiti represente a contradição de equivalência perfeita nos termos de Fanon, já que os planos ideológicos antagônicos entre colonizador e colonizado encontram neste mesmo imaginário o lugar da admiração e a aceitação tácita da hierarquia. Assim, ao mesmo tempo em que os franceses foram expulsos da ilha mediante um sangrento processo de descolonização, ainda continuam ocupando o lugar da superioridade cultural e social no

¹⁸ A dupla traição a que L'Ouverture foi acusado deveu-se às suas invasões à parte espanhola da ilha, resguarda por França e Espanha pelo Tratado de Basileia.

¹⁹ Gerald F. Murray. “*Bon-Dieu* e os ritos de passagem no Haiti rural: determinantes estruturais da teologia e dos rituais pós-coloniais” In: *Estudos Afro-Asiáticos*, no. 19, 1990, p. 22.

²⁰ Frantz Fanon, op. cit., p. 31.

imaginário, sobretudo das elites haitianas e servindo de paradigma civilizatório tanto para o Haiti recém gestado como para o Haiti contemporâneo. O desenrolar desta contradição pode ser evidenciado em inúmeros campos e a ênfase atribuída neste trabalho à performance das elites resulta de um afloramento da contradição vivida no imaginário muito mais agudo nestes grupos do que nos dois terços dos camponeses que ocupam a ilha. Referindo às dicotomias intransitáveis do universo colonial, alinhavadas pela violência, Fanon entende que “desde su nacimiento, le resulta claro que esse mundo estrecho, sembrado de contradicciones, no puede ser impugnado sino por la violencia absoluta”²¹”

2.1.1. Trânsitos tensos no meio das contradições

A partir de nossa pesquisa, observamos que os núcleos geradores da desigualdade no Haiti são praticamente dois: o racismo e o colonialismo. Estas categorias, ao mesmo tempo em que impulsionaram a luta sangrenta nos campos de batalha rumo ao seu próprio extermínio, de 1791 a 1804, caracterizou-se como a luta do concreto, quando em realidade a luta precisamente necessária deveria incidir na eliminação dos mecanismos de reprodução do racismo e do colonialismo no imaginário das elites.

Esta Revolução simbólica de emancipação de um imaginário coletivo aprisionado pelos labirintos do racismo e do colonialismo foi realizada por muitos intelectuais haitianos e caribenhos, especialmente por Jean Price-Mars, René Depestre, Aimé Césaire, Frantz Fanon, mas de modo algum pelas elites políticas e econômicas que, diaspóricas, encontram interlocutores de articulação política e de legitimidade no exterior e não no interior da nação, reproduzindo exatamente nos moldes coloniais, a relação de superioridade e coisificação dos outros internos à nação haitiana.

O professor de Kreyòl, Edouard Saint Jean, expressa em seu discurso a contradição colonial perfeita:

“Por lo regular en Haití nosotros hemos tenido una identidad definida. La raza no es motivo de discusión en Haití. La identidad es que todos somos negros y orgullosos de haber sido el primero país de negros que ha construido una nación. Somos negros y nada más, nada más.

Francia es un hecho histórico innegable. Siempre la Francia la tenemos presente en nuestra cultura. Primero porque los colonizadores dejan huellas en la cultura, en el idioma, en la educación, pero también hay la cultura africana. O sea que Haití es un país mixto, con una cultura mixta. Hemos tenido que navegar en medio de esa doble cultura.”

Os processos de dominação de Estado e reprodução do poder no Haiti também são desdobramentos lógico do racismo e do colonialismo, duas grandes categorias estruturantes das relações de poder haitianas. Para Fanon, colonizadores brancos e colonizados negros constituem duas entidades em absoluta contradição e em luta permanente em torno da dinâmica tensa que envolve o desejo e a rejeição e ademais representam um dilema existencial de primeira ordem. Fanon reitera que, no universo colonial, tanto o branco é escravo de sua brancura como o negro de sua negritude e problematiza, com isso, a

²¹ Idem, p. 32.

disposição das dicotomias constitutivas do mundo colonial quando indaga se o negro é ridículo ou manifesta resistência perante o poder? E o branco, está comodamente instalado no topo da hierarquia?

“cuando se percibe en su aspecto inmediato el contexto colonial, es evidente que lo que divide al mundo es primero el hecho de pertenecer o no a tal especie, a tal raza. En las colonias, la infraestructura es igualmente una superestructura. La causa es consecuencia: se es rico porque se es blanco, se es blanco porque se es rico²²”

Em contextos tensos, reprodutores do racismo e do colonialismo, tal como o Haiti, é visível os modos maldisfarçados de colonialismo, manifestados a partir da reprodução muito naturalizada entre sujeito e objeto em cada interação entre haitianos e estrangeiros. O país tornou-se alvo de projetos coloniais e tutelares, concebidos a partir de uma lógica de não organicidade com a sociedade civil, política e militar haitiana. O desprezo em considerar os haitianos capazes de se tornarem sujeitos legítimos do próprio devir político, social e econômico da nação reside nas estruturas basilares do racismo. De acordo com Leslie Manigat, historiador, ex-presidente e candidato derrotado às últimas eleições haitianas, em fevereiro de 2006, a tutela internacional é parte de um projeto inaceitável:

“É necessário saber qual será a alternativa à confusão que alguns preconizam abertamente. É por isso que eu digo que se este país fosse para a via de um caos sangrento (...) seria um controle mais profundo e talvez total deste país pelo estrangeiro tanto mais que há algum tempo, se ventila a idéia de uma tutela e isto pelos responsáveis internacionais de alto nível. Há então esta perspectiva que não é simplesmente uma conjectura: houve um projeto deste gênero que evidentemente não deu pé. É por isso que eu penso que se os haitianos forem na direção que poderia nos levar a um caos sangrento, não haverá alternativa; nós iremos em direção a intervenção total. Alguns desejam isso, mas eu não acredito que essa seja a solução ao real problema haitiano. Qualquer que seja a solução, ela deve ser haitiana²³.”

Manigat retoma a idéia de que a liberdade conquistada no processo de independência jamais foi amadurecida como um projeto político nacional:

“Este país conquistou a liberdade. Bravo! Bravo! Mas desde então, a aspiração à igualdade não foi satisfeita e agora nós não atingimos o processo de fraternização que deveria ser o objetivo de uma coletividade como a nossa que nasceu de uma tal altivez e tem uma vocação de grandeza”.

Eu me recordo do meu último debate citando De Gaulle, eu tinha uma certa idéia do Haiti, como De Gaulle dizia, “toda minha vida, eu tinha uma certa idéia da França” ao começar suas Memórias. É a mesma coisa para mim e

²² Frantz Fanon, op. cit., p. 34.

²³ Entrevista de Leslie Manigat à Nancy Roc, em 23 de janeiro de 2006. Fonte: Arquivo das Eleições do Haiti 2005. Livre tradução de Isabela Maia.

para os meus: toda minha vida eu tive uma certa idéia do Haiti e esta visão do Haiti exige uma reabilitação dos mais humildes deste país²⁴.”

Dada a extrema dependência internacional que as elites políticas haitianas sempre manifestaram para transferir legitimidade a mandatos ilegais e autoritários, o país tornou-se ao longo do tempo, uma colônia sem “donos” definidos, que sem conseguir sair do status de dependência estrangeira, perdeu o controle de seus algozes colonialistas, atribuindo à comunidade internacional o que Pierre Charles classificou como o direito de ingerência no Haiti:

“[Hay un] reconocimiento del «derecho de injerencia» preconizado desde algunos años por algunos Estados como propio para enfrentar situaciones excepcionales de crisis y de incapacidad por parte del Estado de asumir el poder o de a enfrentar un conflicto agudo (...)En efecto [las Naciones Unidas], en 1994, había intervenido en Haití para suplantarse a las fuerzas de los Estados Unidos de alrededor de 20 mil hombres que habían desembarcado en el marco de la misión de «restauración de la democracia» patrocinada directamente por el Presidente William Jefferson Clinton(...). Así la degradación acelerada del clima político, a fines del año 2003, con manifestaciones populares masivas y la irrupción en la escena de ciertos grupos armados, habían vuelto mas favorecido la argumentación de algunos Estados miembros, particularmente Francia, en pro de la eventual participación de la ONU en una misión humanitaria o de mantenimiento de la paz en Haití. En efecto, la violencia desatada por los «chimères», hombres de mano y los mafiosos al servicio, de Aristide ponía a la orden del día la cuestión del «derecho de injerencia» (...). La población, en un clima excepcionalmente tenso y frente a las amenazas y peligros creadas por las condiciones mismas de la caída de este bárbaro régimen (...) tuvo que asistir, entre desahogo, humillaciones e indignaciones, a la llegada de las tropas extranjeras venidas a restablecer el orden. Tal escenario no era de ninguna manera una innovación. En efecto, en 1915, en un contexto local de violencia y de caos, la infantería de Marines de los Estados Unidos de America había desembarcado en Puerto- Príncipe, y el saldo de esta intervención fue de 19 años de ocupación. Se trataba de «restablecer el orden democrático» en Haití. Esto, en un contexto regional de expansionismo y de injerencia. Cincuenta años después, en 1965, en un contexto regional de democratización generalizada y en un marco local marcado por un régimen de fuerza instaurado por los militares, de las tropas de los Estados Unidos de América, bajo el patrocinio de las Naciones Unidas, habían intervenido con el objetivo de «restaurar la democracia». Diez años mas tarde, el intervencionismo toma la forma de una acción internacional contra el Estado mafioso, generador de terrorismo y de anarquía, que amenazada de realizar un baño de sangre sobre una población pacífica.

En esta continuidad, se proyecta como factor permanente la vigilancia de la gran potencia siempre atenta y lista a corregir cualquier desorden en su

²⁴ Idem.

vecindario. (...) En el terreno político, económico, social y cultural, el Estado haitiano parece prolongar, hasta el día de hoy, el siglo XIX latinoamericano marcado por la autocracia, el régimen fuerte a ultranza que cierra los ojos a las exigencias de las mayorías, en términos de democracia, de justicia, de progreso y de desarrollo. Este Estado, expresión de una oligarquía precaria (de militares, de hombres de negocios o de políticos), no lograba, a pesar de las influencias de modernismo provenientes del extranjero bajo la forma de capital o de modelo, a dirigir la sociedad, ni a estimular a las fuerzas motrices susceptibles de asegurar su avance. Sin legitimidad, sin representación real de los productores o de los trabajadores, sin credibilidad entre los ciudadanos, el Estado se mantiene débil en su función de organización de la sociedad y fuerte en tanto que opresor, funcionando sobre una base de extorsiones y de violencia²⁵”.

Se a ilha caribenha saiu de sua condição colonial como província produtiva e articulada a promissores mercados internacionais de cana-de-açúcar, as crises mundiais que puseram fim ao modelo da monocultura como o único sustentáculo do colonialismo, acabaram trazendo ostracismo à nação que, sem acumular habilidade na relação entre Estado e sociedade civil, encontrou nas ditaduras o meio de exercer o poder mediante a propagação do terror e do macoutismo²⁶.

Após a sucessão de mulatos visivelmente afrancesados no poder, François Duvalier emerge no cenário político haitiano como o responsável pelo negrismo haitiano, um movimento político articulado no sentido de devolver aos negros o mando do poder do Estado.

No entanto, a pauta de discussões acerca do projeto nacional haitiano que pudesse romper com todos os lastros do colonialismo e do racismo nunca foi tematizada pelos Duvalier e o resultado foi a instauração de uma ordem política sangrenta que aprofundou ainda mais as disparidades sociais, a saber: entre analfabetos e letrados; entre a capital Porto Príncipe e os demais departamentos; entre o idioma francês e o kreyòl e entre o vodu e o catolicismo/protestantismo. A partir dos relatos de Aristide, principal opositor do duvalierismo e do macoutismo, “falar de miséria quando os Duvalier descreviam o Haiti como o melhor dos mundos era correr riscos²⁷”. A partir de um regime político de muita opressão à sociedade civil, as estruturas do Estado haitiano pareceram herdar o instrumento de controle mais usual do colonialismo: a violência:

“o macoutismo só perdurava por meio da violência, de uma repressão permanente. Os Duvalier podiam matar qualquer um, em qualquer lugar, a

²⁵ Gerard Pierre Charles, op. cit.

²⁶ O macoutismo é, desde o regime dos Duvalier o modo mais reproduzido do fazer político haitiano. Apelidados de tontons macoutes, grupos de milícias armadas patrulharam ideologicamente todos os haitianos que se opusessem à ditadura de Papa e Baby Doc. Embora expulso do poder em 1986, a prática do macoutismo não se extingue com a saída de Jean Claude Duvalier. Pelo contrário, torna-se prática espalhada nas relações políticas haitianas dentro e fora do Estado.

²⁷ Jean Bertrand Aristide, op. cit., p. 42.

qualquer hora. O terror acompanhava-se da pilhagem do dinheiro público por uma máfia liderada por uma família²⁸.

É paradoxal perceber que o discurso inflamado de Aristide não se desdobrou em mudanças significativas na política de Estado haitiano. Pelo contrário, de acordo com Sabine Manigat e Claude Moïse, Lavalas²⁹ e Aristide atualizaram o macoutismo sob forma dos “chimères” (polícia política do Fanmi Lavalas), fazendo com que o observador conclua que embora os chefes de Estado sejam substituídos, o fator elementar da natureza da desigualdade haitiana não sofre interferência, posto que, desde o momento colonial, nunca houve um esforço de equilíbrio de poder entre Estado e sociedade:

“En efecto, la disolución del Ejército (Fuerzas Armadas de Haití) por un decreto presidencial de 1995 ha transformado radicalmente la disposición de fuerzas en la arena política. La Policía Nacional de Haití (PNH) pasa a constituir uno de los instrumentos más importantes del poder. Sin embargo, el sistema tradicional permanece fundamentalmente inmutable en sus mecanismos esenciales. La PNH tiene una composición y un mandato totalmente nuevos. Ha sido montada por los donantes internacionales desde su creación. Sus cuadros provienen sin sorpresa de los círculos Lavalas, o cercanos a esta corriente política. Cuando la estrategia de Lavalas se concentra en el control paulatino de las instituciones (un control político con aparente legalidad, en especial las estatales, la PNH pasa a ser un blanco vital³⁰”.

Retirado do poder em 29 de fevereiro de 2004, Aristide dividiu o domínio do Estado, entre 1996 a 2000, com René Préval, atual Presidente do Haiti, eleito em fevereiro de 2006. A partir de seus dois mandatos interrompidos, em 1991, que o completou a partir de 1994, chegando ao poder novamente em 2000 e sofrendo novo golpe em 2004.

Não é possível afirmar que o período de Aristide no poder configurou-se como tabula rasa para os desígnios norte-americanos ou europeus ou para a reprodução intencional ou mesmo tácita do racismo e do colonialismo. A representação do Estado a partir de um padre de esquerda, em realidade, aflorou muito mais as contradições internas e externas do Haiti do que propriamente consolidou forças políticas e ideológicas contra o imperialismo e o racismo. Dentre os pontos relevantes da era Aristide destaca-se apelo à interrupção da violência econômica vivida pelo Haiti. No momento de sua primeira chegada ao poder, Aristide entende que a revolução política sem armas concretizou-se em 1991:

“Após 1804, data de nossa primeira independência, 1991 abre a era de nossa segunda independência. Haverá uma nação democrática capaz de permanecer indiferente a essa vitória da não violência precisamente ali onde reinam estruturas de violência econômica? Será legítimo pôr à prova a paciência das vítimas da violência econômica? Se não há política fora das

²⁸ Idem, p. 59.

²⁹ Partido político responsável pela plataforma de ascensão política de Aristide rumo ao poder do Estado.

³⁰ Sabine Manigat e Claude Moïse. “Haiti 2000: Lavalas en el poder, Lavalas en cuestión” In: *Anuario Social y Político de América Latina y el Caribe*, No. 4, FLACSO/UNESCO, Nueva Sociedad, Caracas, 2000, pp.45-52, p. 47.

relações de força, não há tampouco economia fora das relações de interesse³¹”.

2.1.2. Analfabetismo: núcleo gerador de desigualdades

“a população, esmagada sob os pés da violência econômica, é ainda analfabeta, analfabeta que não é tola.” Jean Bertrand Aristide

A falta de acesso à educação divide a nação haitiana em dois mundos completamente antagônicos. Enquanto esta nação conseguiu produzir uma elite intelectual muito ativa e influente nos círculos de pensamento europeus, sobretudo franceses, como Price-Mars, Stephen Alexis, Leslie Manigat, Patrick Chamoiseau, Hanibbal Price, e tantos outros desde o século XIX, convive tacitamente com índices muito elevados de analfabetismo e com uma população monolíngue falante apenas do Kreyòl. De acordo com a Adida Cultural da Embaixada do Haiti no Brasil, Norma Cooper:

“O problema do Haiti é o analfabetismo. Isto vamos dizer sem preconceito, em si próprio dificulta o diálogo e a comunicação dentro do próprio país. Devido a isto, há quinze anos, eles começaram a divulgar as notícias na rádio e na televisão em kreyòl também, porque o francês só as pessoas escolarizadas que falam. Os analfabetos não falam francês, falam kreyòl, que é sua língua nativa. Até pouco tempo, o haitiano culto evitava inclusive em falar Kreyòl³².”

O Kreyòl só foi reconhecido como idioma oficial em 1986, logo após a saída de Jean Claude Duvalier do poder. Jean Bertrand Aristide, presidente eleito no Haiti em 1991, foi o primeiro chefe de Estado a pronunciar discurso oficial em kreyòl. Deposto no mesmo ano, através de um golpe de Estado articulado pelo Chefe do estado Maior Haitiano, General Raul Cédras, Aristide, respaldado pela diplomacia norte-americana, retoma a presidência de 1994 a 1996, quando o transfere a seu aliado político René Préval. Em 2000, assume novamente a Presidência, mas sofre novo golpe de ex-militares em 2004. Em sua auto-biografia, Aristide argumenta que o projeto político educacional das poucas escolas haitianas era proibir formalmente o kreyòl. Esta proibição se expressava através do espancamento público a que os estudantes haitianos estavam sujeitos caso se expressassem em kreyòl:

“muito tempo depois veio o sentimento de revolta contra essa injustiça infligida à nação haitiana. Proibir alguém de se exprimir em sua própria língua, obrigar um povo a ter vergonha de seu falar. Para alguns, a dificuldade de aprender o francês é quase política ou psicológica. Não

³¹ Jean Bertrand Aristide, op. cit., p. 188.

³² Entrevista concedida ao Núcleo de Estudos de Diplomacia Responsável/Relações Internacionais/UNICEUB, em maio de 2006.

conseguem dominar essa língua, de tal modo ela é, em sua consciência, sinônimo primeiro da escravidão, depois de escravidão lingüística. Expulsos os franceses, por que privilegiar sua língua e abandonar a nossa³³?”

Aimé Césaire aponta que um dos sentidos mais evidentes do projeto colonial francês foi a destituição da humanidade do outro, a qual incidiu na negação de sua cosmovisão e do modo de expressá-la. Segundo o autor:

“Sería realmente insólito”, escribe el R. P. Temples, “que el educador blanco se obstinara en matar en el hombre negro su espíritu humano propio, ¡esta única realidad que nos impide considerarlo un ser inferior! Sería un crimen de lesa humanidad, por parte del colonizador, privar a las razas primitivas de lo valioso, de lo que constituye un núcleo de verdad en su pensamiento tradicional³⁴”

A colonização, tanto para Césaire quanto para Fanon, está baseada na dominação psicológica, mediante um profundo complexo de dependência produzido pelo colonialismo:

“(...) esos grupos están síquicamente hechos para la dependencia; que necesitan de la dependencia, que la postulan, que la reclaman, que la exigen; que ése es el caso particular de los pueblos colonizados (...). ¡Maldito racismo! ¡Maldito colonialismo! Apesta demasiado su barbarie³⁵.”

2.2. Elites econômicas:

Vários fatores condicionaram a dependência econômica do Estado haitiano em relação ao capital estrangeiro, entre eles a geopolítica, a dificuldade em implementar uma economia de mercado capaz de gerar auto-sustentabilidade ao país e a dependência cultural e ideológica e política das elites haitianas à Flórida, especificamente sua capital Miami. Herdeiro ideológico do modelo colonial de desenvolvimento baseado na monocultura e alvo de um isolamento comercial, promovida pela França, nos períodos cruciais de estabilização econômica (pós-independência), inimigo histórico do país vizinho – A República Dominicana³⁶, agravada às crises financeiras internacionais e a um mercado crescente e heterogêneo de produção de cana-de-açúcar, o Haiti tornou-se cronicamente dependente de assistência financeira e humanitária, vinda especialmente dos Estados Unidos e, colateralmente, do Canadá e da ONU. Ademais, a proximidade geográfica tanto aos Estados Unidos quanto de Cuba, torna o país uma região de disputas políticas e ideológicas bastante marcadas. Muitos críticos desta dependência argumentam que no Haiti, o colonialismo ainda se faz nitidamente presente, nos mesmos moldes dos séculos XVIII.

³³ Jean Bertrand Aristide, op. cit., pp. 39-40.

³⁴ Aimé Césaire, op. cit., p. 23.

³⁵ Idem, p. 24.

³⁶ O Haiti dominou a parte espanhola da ilha por 22 anos, no período de 1822 a 1844, sob o comando de Jean Pierre Boyer. Esta ditadura latinoamericana do século XIX, tal como Hoetink (1994) a classifica, deixou seqüelas profundas na história política dos dois países, mediante um lastro de enfrentamentos violentos (Ver Cambeira, 1997 e Danticat, 2000) e do que Jean Bertrand Aristide (1995) classificou de tráfico negreiro do século XX, quando os haitianos são pressionados à busca de trabalho escravo ou semi-escravo nas lavouras de cana-de-açúcar dos Bateys dominicanos, sob os auspícios da ditadura de Papa e Baby Doc.

O Haiti não chegou a constituir propriamente uma burguesia nacional, no seu sentido clássico, em termos de consciência de classe, circulação de capital e geração de emprego e renda. A proximidade geográfica com Miami provocou, sem dúvida, o sufocamento da burguesia nacional. Ademais, a precarização das condições de trabalho tornou o país vulnerável aos investidores estrangeiros que reproduzem a versão perversa do capitalismo: baixíssimos salários e/ou provocação de uma forte imigração. De acordo com Jean Bertrand Aristide: “somos o maior fabricante de bolas de beisebol do mundo. Mas os salários raramente ultrapassam 3 dólares por dia útil³⁷”.

No sentido clássico de conceituação das burguesias pós-coloniais, Fanon argumenta que estas burguesias são subdesenvolvidas e de um tipo muito específico: são incapazes de gerar industriais ou grandes investidores:

“La burguesía nacional de los países subdesarrollados no se orienta hacia la producción, los inventos, la construcción, el trabajo (...) La burguesía nacional ocupa el lugar de la antigua población europea: médicos, abogados, comerciantes, representantes, agentes generales, agentes aduanales. La burguesía nacional descubre como misión histórica la de servir de intermediario. Como se ve, no se trata de una vocación de transformar a la nación, sino prosaicamente de servir de correa de transmisión a un capitalismo reducido al camuflaje y que se cubre ahora con la máscara neocolonialista³⁸”

A partir do início do século XX, centenas de trabalhadores rurais haitianos começam a ser contratadosⁱ, por empresas dominicanas privadas, para o plantio de cana-de-açúcar nos Bateysⁱⁱ. A presença desses haitianos na República Dominicana suscitou, nas percepções de alguns políticos e intelectuais dominicanos, a idéia de *invasão pacífica*, de acordo com a qual, o governo haitiano usaria estrategicamente estes trabalhadores, com o objetivo de reconquistar a ilha. Silié encontra na história as possíveis explicações para os conflitos identitários entre dominicanos e haitianos:

“Desde principios de este siglo, la República Dominicana ha mantenido una presencia significativa de braceros haitianos que vienen a trabajar al corte de la caña. (...)”

En 1934, antes de experimentarse el tránsito de las empresas azucareras norteamericanas a manos de Trujillo, este último propició un incidente donde perdieron la vida más de cinco mil haitianos (...) Uno de los principales argumentos empleados ideológicamente por el gobierno para justificar tal acción, fue el hecho de que los otrora dominadores (...) aún pretendían reiterar la unificación del territorio, esta vez por la vía de la invasión pacífica, que en su momento permitiría al Estado haitiano replantear la consigna de que “La isla es una e indivisible”.

Unido a este argumento, se divulgó la tesis de que la identidad cultural del pueblo dominicano se encontraba amenazada (...)ⁱⁱⁱ”.

³⁷ Jean Bertrand Aristide, op. cit., p. 62.

³⁸ Frantz Fanon, op. cit., pp. 137-140.

Dessa forma, a estrutura de mercado haitiana sequer incorporou posturas mínimas de uma economia de mercado, como lei de oferta e demanda. Esta função é deslocada para além das fronteiras do país, especificamente para Miami e agora também para Santo Domingo, na República Dominicana. De acordo com Aristide, o deslocamento de haitianos para a República Dominicana constituiu-se como um “tráfico negreiro em pleno século XX³⁹”

A fragilidade ideológica e material da elite haitiana está emoldurada por sua incapacidade de desdobrar o processo revolucionário da descolonização em um horizonte verdadeiramente nacional de equilíbrio de poder e distribuição de riqueza. Para Fanon:

“Como no tiene ideas, como está encerrada en sí misma, aislada del pueblo, mimada por su incapacidad congénita para pensar en la totalidad de los problemas en función de la totalidad de la nación, la burguesía nacional va a asumir el papel de gerente de las empresas occidentales y convertirá a su país, prácticamente, en lupanar de Europa⁴⁰”

Paradoxalmente, até mesmo a ajuda internacional sempre foi extremamente nociva aos produtores rurais locais e à lógica da economia rural. Nos campos haitianos existe uma espécie de equilíbrio social que Aristide nominou de socialismo rural, a partir do qual, pouquíssimas pessoas conhecem o drama da fome, exceto em situações de desastre ecológico. Descrevendo suas idas e vindas de Port-au-Price a Port-Salut, sua cidade natal, Aristide informa que “do campo à cidade eu experimentava o sentimento de compartilhar, mais que uma vida em família, uma existência comunitária, uma realidade “socialista”, na nossa pequenina escala⁴¹”.

Elites políticas e econômicas se confundiram durante toda a história política do Haiti. Permeada por alta corrupção e enriquecimento próprio, a indissociação destas elites também fez com que a burguesia nacional não tivesse o seu amadurecimento devido.

2.3. Elites Intelectuais:

A elite intelectual haitiana sempre esteve montada nas bases do pensamento ocidental. No entanto, com o advento do movimento da *Négritude*, a partir da década de 50, cujos principais expoentes emergiram da Martinica, a saber, Aimé Césaire e Frantz Fanon que aliaram-se a Leopóld Senghor, intelectual senegalês e ex-presidente do Senegal, o pensamento social haitiano, condicionado pela mudança de postura em relação à dependência ideológica da colônia, produziu grandes nomes, dentre os quais Jacques Stephen Alexis, Patrick Chamoiseau, Franklin Midy, René Depestre, Gerard Pierre Charles, Leslie Manigat, dentre muitos outros. Contemporaneamente, Edwidge Danticat, Sabine Manigat, Claude Moïse, Laenec Hurbon, Camille Chalmers e o próprio Jean Bertrand Aristide constituem pensamento vibratório de emancipação colonial. Mesmo antes desta corrente de pensamento, Jean Price-Mars destacou-se como o grande intelectual haitiano que provocou a revalorização da negritude.

³⁹ Ver Jean Bertrand Aristide, op. cit., p. 62.

⁴⁰ Frantz Fanon, op. cit., 141.

⁴¹ Jean Bertrand Aristide, op. cit., p. 36.

Uma das características elementares da elite intelectual haitiana é sua condição diaspórica. Isso implica em uma determinação da escrita e do pensar voltado para os limites inscritos fora da nação, produto direto da atualização de dependência. Patrick Chamoiseau tematiza este aspecto:

“Sobredeterminados, do princípio ao fim, em história, em pensamentos, em vida cotidiana, em ideais (mesmo progressistas), em uma armadilha de dependência cultural, de dependência política, de dependência econômica, temos sido deportados de nós mesmos a cada palmo de nossa história escritural. Isso determinou uma escrita para o Outro, uma escrita emprestada, apoiada nos valores franceses, ou, em todo caso, fora desta terra, e que, apesar de certos aspectos positivos, não fez senão manter em nossos espíritos a dominação de um outro lugar... De um outro lugar perfeitamente nobre, bem entendido, minério ideal a ser importado, em nome do qual romper a ganga do que nós éramos. Todavia, contra uma apreciação polêmica, partidária, anacrônica da História, queremos reexaminar os termos desse requisito e promover homens e fatos de nosso *continuum* escritural, uma inteligência verdadeira. Nem complacente, nem cúmplice, mas solidária⁴²” . .

A característica diaspórica das elites intelectuais haitianas é determinada por dois elementos básicos: ausência de mercado no Haiti e perseguição política. O primeiro elemento é de fundamental importância em termos analíticos, já que reflete a falta de organicidade entre os intelectuais e o conjunto da nação. Por outro lado, os intelectuais sempre foram isolados do poder político por uma elite militar ou militarizada. Isso foi precisamente válido para as trajetórias de Leslie Manigat, Gerard Pierre Charles, Suzy Castor, René Depestre e tantos outros. Por outro lado, Edwidge Danticat e Franklin Midy, por exemplo, constituem um grupo de haitianos altamente significativo que reside nos Estados Unidos ou em Quebec/Canadá e, a partir destes locais, constroem discursos analíticos sobre o quadro político do país. Há ainda o grupo de intelectuais com residência no Haiti desde a saída dos Duvalier, em 1986, dentre eles Sabine Manigat, Laenec Hurbon, Camille Chalmers, entre outros.

No pensamento de todos estes intelectuais, diáspóricos definitivos ou temporários, está a tentativa de luta contra o racismo, o colonialismo e o imperialismo, algo em termos do que Paget Henry classificou como afro-filosofia caribenha, um pensar político, que de forma alguma exclui a práxis. Pelo contrário, dialoga antropofagicamente com ela. Ao contrário da tradição greco-romano de um pensar metafísico sobre o mundo, a nova geração de intelectuais haitianos está apta a construir frentes de contestação ao poder. A trajetória intelectual dos negros nas Américas é objeto importante de reflexão de inúmeros intelectuais, dentre os quais destacamos a de Paget Henry (2000), que observa que a afro-filosofia é um modo de intelectuais negros elaborarem suas concepções de mundo, quase sempre aliadas a uma prática política de transformação dada à urgência da necessidade de inserção nas esferas de poder.

Sem dúvida, Aimé Césaire é entendido por grande parte da intelectualidade haitiana como o pensamento revolucionário de contestação ativa do poder colonial:

⁴² Patrick Chamoiseau, *Elogio à Crioulidade*, pp. 7-8.

“A um mundo totalmente racista, automutilado por suas cirurgias coloniais, Aimé Césaire restituiu a África mãe, a África matriz, a civilização negra. Ao país, ele denunciou as dominações e, com sua escrita, engajada, dinamizando-se como forma de guerra, ele aplicou golpes severos aos pesados desdobramentos pós-escravagistas. A Negritude cesariana engendrou a adequação da sociedade crioula a uma consciência mais justa dela mesma. Restaurando sua dimensão africana, pôs fim à amputação que gerava um pouco da superficialidade da escrita por ela batizada de "doudouiste"⁴³”

Os intelectuais haitianos se deparam com um contraste ideológico determinante. De acordo com Patrick Chamoiseau, ao mesmo tempo em que o povo haitiano luta para ser reconhecido e trava forças em busca de sua real identidade existe também um outro pensamento, um fantasma francês e estadunidense que já assombra esse país há muitos anos fazendo com que os mesmos processos de desigualdade sejam reproduzidos e atualizados. A existência da criouldade, com suas ambigüidades, sua oralidade em kreyòl, etc. incidente na trajetória de quem vive no Haiti não está presente nos planos de governo das elites políticas haitianas, tampouco nas estratégias de intervenção internacional.

Franklin Midy, sociólogo haitiano da Universidade do Quebec expressa este condicionamento colonial da seguinte forma:

« En Haïti, la réalité contredit ces affirmations simplistes. Depuis le début des années 1980, un mouvement social pour le changement, la justice sociale et la démocratie, est en marche. C'est un mouvement ample, persistant, qui lutte pour essentiellement deux revendications. La première revendication est la démocratie citoyenne, pour l'égalité, et le vivre ensemble. La deuxième revendication est l'indépendance nationale, ou comme cela a été souvent exprimé lors des manifestations populaires, « le pays pas à vendre aux enchères ». Ce sont deux luttes qui confrontent une société d'exclusion et l'État prédateur d'Haïti. Et qui luttent contre un pouvoir structuré autour d'élites séparées de la masse par un quasi-apartheid. Il faut rappeler que, dans la logique de ce pouvoir prédateur, l'État devait répondre faire deux choses : la police, pour forcer la masse au travail des champs ; pillage comme les armées d'envahisseur. Dans les archives enfin publiques de la CIA, on peut lire le pacte qui avait été établi entre les Etats-Unis et la dictature de Duvalier. Ce système qui a régné sans être trop inquiété pendant longtemps a été mis en échec par le mouvement social depuis le début des années 80⁴⁴ ».

Conclusão

⁴³ Idem, pp. 12-3.

⁴⁴ Franklin Midy, “La marche vers la démocratie en Haïti » In : Revue Alternatives, 5 de abril de 2006.

Existem dois processos distintos de emancipação colonial: um que incide na luta violenta de expulsão dos colonizadores e outro na reestruturação da nação descolonizada rumo a um modelo societário de negação do racismo e do colonialismo. No Haiti, a primeira etapa da descolonização já foi realizada, a outra ainda está por vir. Como o próprio Fanon indica, o combate anti-colonialista não inaugura a perspectiva nacionalista.

No Haiti, falta especificamente a discussão da perspectiva nacionalista, entendendo o nacionalismo a partir da perspectiva de Benedict Anderson, o qual sugere um companheiro profundo e horizontal e a celebração da igualdade dentro dos limites da nação⁴⁵. O falta de organicidade das elites é evidente, já que, ao longo de duzentos anos, não conseguiram romper a cápsula ideológica que engloba o racismo e o colonialismo. Retomando Fanon:

“ durante mucho tiempo el colonizado dirige sus esfuerzos hacia la supresión de ciertas iniquidades: trabajo forzado, sanciones corporales, desigualdad en los salarios, limitación de los derechos políticos, etc...Este hombre por la democracia contra la opresión del hombre va a salir progresivamente de la confusión neoliberal universalista para desembocar, a veces laboriosamente, en la reivindicación nacional. Pero la impreparación de las élites, la ausencia de enlace orgánico entre ellas y las masas, su pereza y, hay que decirlo, la cobardía en el momento decisivo de la lucha van a dar origen a trágicas desventuras⁴⁶.”

No Haiti é patente a incapacidade tanto da burguesia nacional como das outras elites para realizar o movimento orgânico de rompimento das dicotomias internas herdadas do período colonial. A formação cosmopolita (leia-se francesa, norte-americana ou canadense) das elites haitianas é o principal elemento de fragilidade e divórcio com o povo.

A unidade nacional haitiana, construída em patamares sólidos de igualdade é tão frágil quanto as próprias elites haitianas. Ocorre que, nesta ação elementar de consolidação do nacionalismo, a dependência internacional não pode ser tacitamente alegada. De acordo com Fanon, trata-se primordialmente do maior movimento de efetiva descolonização:

“la burguesía nacional, como piensa sólo en sus intereses inmediatos, como no ve más allá de sus narices, se muestra incapaz de realizar la simple unidad nacional, incapaz de edificar a la nación sobre bases sólidas y fecundas. El frente nacional que había hecho retroceder al colonialismo se desintegra y consume su derrota⁴⁷.”

Embora a trajetória de descolonização haitiana tenha seguido os trâmites clássicos deste processo, a saber, a violência e a substituição dos quadros administrativos de controle do Estado para os colonizados, vertendo-se no imaginário político da América Latina como uma nação negra emergente e promissora que mostrou possuir uma negritude nobre, capaz de enfrentar o poder colonial em nome da liberdade, condicionada pela semente de liberdade e insubordinação inscrita na raça negra desde a África, é preciso problematizar a transferência de poder que culminou no fortalecimento das elites mulatas afrancesadas por

⁴⁵ Ver Benedict Anderson. *Nação e Consciência Nacional*.

⁴⁶ Frantz Fanon, op. cit., p. 136.

⁴⁷ Idem, p. 146.

um longo período pós-colonial e por uma elite negra pós-Duvalier tão ou mais descomprometida em construir a unidade nacional.

As dicotomias centrais do colonialismo não foram abandonadas, senão atualizadas de uma forma muito específica. No Haiti, divisões espaciais internas ganham peso e dimensão de acordo com o modo de exploração colonial: uma Porto Príncipe dos ricos e outra dos pobres; a incapacidade de criação de unidades nacionais mínimas, como educação e saúde para todos é reflexo direto da fragilidade administrativa e ideológica de suas elites.

A era moderna da política haitiana foi marcada pela emergência do Partido político Fanmi Lavalas, que desde 1990, vem produzindo quadros de controle do poder do Estado. O próprio Aristide, embora tenha enfrentado dificuldades estruturais para exercer os seus mandatos, reconhece e divulga fórmulas de combate à desigualdade haitiana:

“Respeito à Constituição para estabelecer o pluralismo ideológico e a alternância política, fortalecer a unidade nacional, eliminar as discriminações entre cidades e campos, assegurar a separação e a distribuição harmoniosa dos poderes do Executivo, do Judiciário e do Parlamento, a fim de instaurar um regime governamental baseado nas liberdades fundamentais e no respeito aos direitos humanos, na consulta a toda a população e em sua participação nas grandes decisões envolvendo a vida nacional por uma descentralização efetiva⁴⁸.”

O problema, contudo, não reside no exercício de pensamento para buscar fórmulas de combate à desigualdade, mas, sobretudo na construção coletiva de uma filosofia da práxis, capaz de unir as dicotomias e transferir equilíbrio social e unidade nacional. Aristide propõe consultas periódicas a “toda a população”, mas não discute os modos de fazê-la. Em um país onde aproximadamente 120 km são percorridos em, no mínimo 8 horas⁴⁹, onde praticamente inexistente energia elétrica regular e tecnologia suficiente para unir o sistema de telefonia em um país que se assemelha, em dimensões territoriais, ao menor Estado brasileiro, a construção da igualdade deve se dar, de fato, em outras bases, especialmente nas bases da burocracia administrativa do Estado haitiano na busca de medidas concretas de combate ao isolamento das comunidades rurais haitianas.

É necessário destacar que a oralidade kreyòl, idioma construído pelos negros escravizados, expressa muito mais do que a mera existência de dois idiomas nacionais. Indica, sobretudo, a hierarquização entre grupos bilíngües e monolíngües. Os primeiros tiveram necessariamente acesso à escolarização formal e acumularam capital social suficiente para a procura das melhores rotas de imigração, já que o Haiti contemporâneo não é capaz de oferecer chances reais de empregabilidade a seus cidadãos. O grupo monolíngue, contudo, falante exclusivo do kreyòl, está mais exposto ao isolamento interno à própria nação haitiana.

Embora a REVOLUÇÃO haitiana de 1804 tenha representado um poderoso marco simbólico de afirmação da negritude e dos valores nobres que acompanham os haitianos, como bravura, independência e espírito guerreiro, o processo de construção da igualdade não foi sequer implementado, já que o grande acúmulo de capital social suscetível às manifestações públicas de contestação do poder, observadas ao longo da história haitiana,

⁴⁸ Jean Bertrand Aristide, op. cit., p. 183.

⁴⁹ Dados fornecidos por militares participantes da MINUSTAH, em entrevista realizada no UNICEUB, no dia

não conseguiu se transformar em um processo de organização civil capaz de estruturar partidos políticos sólidos que pudessem representar de forma legítima as reivindicações populares. O afã da sociedade civil haitiana por mudanças estruturais foi historicamente manipulado ou reprimido por líderes políticos que não emergiram de uma base verdadeiramente popular. Quando isto ocorreu, em 1990, através da figura do ex-padre Jean Bertrand Aristide, forças militares rapidamente sufocaram o movimento de sua ascensão ao poder, obrigando-o ao exílio político. No entanto, quando Aristide volta ao poder, mediante a chancela dos Estados Unidos em 1994, reproduz os mesmos vícios políticos de seus antecessores, instalando uma polícia política e conduzindo seus opositores à morte ou ao exílio.

A desigualdade instaurada entre brancos e negros no período colonial deu lugar a uma desigualdade não mais localizada na oposição de raças, mas em um construto complexo entre categorias de cor (mulatos e negros), desigualdade de gênero (as mulheres só foram reconhecidas como iguais na Constituição de 1986), francofonia acentuada em detrimento do kreyòl (idioma falado por mais de 90% da população e também só reconhecido como segundo idioma oficial em 1986) e formação de uma elite política persecutória baseada em grupos de cor, predominantemente masculina e francófona.

Pelo fato de o Haiti ocupar a posição de país mais pobre das Américas, as chances reais de ascensão social estão localizadas fora da nação. A reprodução da desigualdade incide com muita ênfase nos grupos mais aptos à migração e nas escolhas das rotas migratórias.

A produção de conhecimento e a instauração de uma educação formal em uma língua colonial é um dos principais geradores das desigualdades instauradas no Haiti, já que são as mulheres monolíngues (falantes apenas do Kreyòl) e sem qualquer tipo de acesso à educação formal constituem o grupo de maior vulnerabilidade social, pois embora os homens também compartilhem do mesmo grau de desamparo social, eles conseguem migrar em um percentual significativamente maior do que as mulheres, seja para a República Dominicana, para o trabalho no plantio e colheita de cana-de-açúcar ou para a construção civil, ocupações marcadamente masculinas, seja para os Estados Unidos ou Canadá porque gozam de uma rede de solidariedade muito mais consolidada nos países de destino, ao passo que as mulheres haitianas encontram muito mais dificuldade no processo migratório, pois não encontram o mesmo suporte que seus compatriotas. Isto ocorre devido à fragilidade nas redes de cooperação femininas de incentivo à imigração, na baixa exposição das mulheres à vida pública, obrigando-as à dedicação quase que exclusiva à reprodução familiar, limitando as chances de sobrevivência social fora do lar e do seu próprio país.

ⁱ Tal contratação deve-se a inúmeros fatores. A literatura sobre este tema está dividida, a partir de duas correntes de pensamento. Uma analisa a imigração, desde o ponto de vista de um modelo genérico. Outra, incorpora variáveis locais para esta análise. Há autores que argumentam que a contratação de mão-de-obra haitiana restringe-se a razões meramente mercadológicas. Outros observam que, aliada à condição de miséria presente no Haiti, que força a emigração do trabalho, existe um certo revanchismo histórico entre dominicanos e haitianos que proporciona, aos

primeiros, colocarem em prática, instrumentos de inferiorização, ao qual seu povo fora submetido na ocasião das ocupações mencionadas (Hoetink, op. cit.; Silié, 1998, 2002).

ⁱⁱ Batey é uma designação amplamente conhecida na República Dominicana. Trata-se de uma área dedicada tradicionalmente ao plantio de cana-de-açúcar. Como a maior parte da mão-de-obra recrutada para este tipo de trabalho é de origem haitiana, o Batey simboliza o lugar social e geográfico dos haitianos na sociedade dominicana.

ⁱⁱⁱ Rubén Silié, *La República Dominicana y Haití frente al futuro*, op. cit., p. 3.

Referências Bibliográficas

ALEXIS, Jacques Stephen. *Compère Général soleil*, Paris: Editions Gallimard, 1955.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*, São Paulo: Ática, 1989 (traduzido do original em inglês *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres: Verso, 1983).

ARISTIDE, Jean Bertrand. *Todo Homem é um Homem (Tout Moun se Moun)*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

AZEVEDO, Célia M. de. *Onda negra, medo branco – o negro no imaginário das elites: século XIX*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BOERSNER, Demetrio. *Relaciones internacionales de América Latina: Breve Historia*, Editorial Nueva Sociedad, 1996.

CAMBEIRA, Alan Belén. "Historical and Cultural Connections: La République d'Haiti and La República Dominicana" In: *The Dominican Republic in Historical and Cultural Perspective*, New York: M. E. Sharpe Publishers, 1997.

CÉSAIRE, Aimé. *Toussaint Louverture*, La Habana, Cuba: Instituto del Libro, 1967.

_____, *Discurso Sobre el Colonialismo*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1955.

CHAMOISEAU, Patrick; BERNABÉ, Jean; CONFIANT, Raphaël. *Éloge de la criolité*. Paris: Gallimard, 1990.

DIEDERICH, Bernard e AL BURT. *Papa Doc et Les Tontons Macoutes*. Port-au-Prince, Haïti: Imprimerie Henri Deschamps, 1986.

FANON, Frantz. *Peau Noire, Masques Blancs*, Paris: Editions du Seuil, 1952; *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

_____. *Los Condenados de la Tierra*. México: Fondo de Cultura Económica (FCE), 2001

HENRY, Paget. *Caliban's Reason: Introducing Afro-Caribbean Philosophy*, Londres/Nova Iorque, Routledge, 2000

HOETINK, Harry. *Santo Domingo y el Caribe: Ensayos sobre Historia y Sociedad*, Santo Domingo, República Dominicana: Fundación Cultural Dominicana, 1994.

_____. *Caribbean Race Relations: A Study of Two Variants*, London: Oxford University Press, 1967.

HOFFMAN, Leon-François. "Slavery and Race in Haitian Letters" In: *Caribbean Review*, 9 (2): 28-32, 1980.

MANIGAT, Mirlande. “Los Derechos Humanos en la Constitución Haitiana de 1987” In: TEJEDA, Eddy (Ed.) *El Derecho a una Vida Digna*, Santo Domingo, República Dominicana: FLACSO, 2002.

MANIGAT, Sabine; MOÏSE, Claude. “Haití 2000: Lavalas en el poder, Lavalas en cuestión” In: *Anuario Social y Político de América Latina y el Caribe*, No. 4, FLACSO/UNESCO, Nueva Sociedad, Caracas, 2000, pp.45-52, p. 47.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a Dádiva” In: *Coleção Grandes Cientistas Sócios/Marcel Mauss*. São Paulo: Ed. Ática. 1995.

MIDY, Franklin. “La marche vers la démocratie en Haïti » In : *Revue Alternatives*, 5 de abril de 2006.

MURRAY, Gerald F. “*Bon-Dieu* e os ritos de passagem no Haiti rural: determinantes estruturais da teologia e dos rituais pós-coloniais” In: *Estudos Afro-Asiáticos*, no. 19, 1990.

NICHOLLS, David. *From Dessalines To Duvalier: Race, Colour and National Independence in Haiti*, New Brunswick, NJ: Rutgers Univ. Press, 2000.

PIERRE-CHARLES, Gérard. *El Caribe Contemporáneo*, México: Siglo XXI Editores, 1981.

_____. “Crisis del Estado e Intervención Internacional en Haití” In: *Revista Teoria e Debate*, no. 59.

PRICE-MARS, Jean. *Así Habló el Tío*, Santo Domingo, República Dominicana: Ed, Manatí, 2000 (tradução do original *Ainsi parla l'oncle* publicado em 1928).

SILIÉ, Rubén; INOA, Orlando e ANTONIN, Arnold (ed.) *La República Dominicana y Haití frente al futuro*, Santo Domingo, República Dominicana: Ediciones FLACSO-Programa República Dominicana, 1998.

_____, SEGURA, Carlos e DORE CABRAL, Carlos (editores), *La Nueva Inmigración Haitiana*, Santo Domingo, República Dominicana: Ediciones FLACSO – Programa República Dominicana, 2002.

Internet:

www.haiti.org.

www.kreyol.org.
www.metropolehaiti.com
www.lematinhati.com

Entrevistas:

17/05/2006 – ENTREVISTA COM A ADIDA CULTURAL DA EMBAIXADA DO HAITI – NORMA COOPER

21/08/2006 – ENTREVISTA COM A Sra. MARTHE TASSY, HAITIANA, PROFESSORA DE KREYÒL.

28/07/2006 – ENTREVISTA COM CORONEL CARBONELL – MILITAR INTEGRANTE DA MINUSTAH

21/08/2006 – ENTREVISTA COM O SARGENTO BOSCO – MILITAR INTEGRANTE DA MINUSTAH,

15/10/2001 – ENTREVISTA COM EDOUARD SAINT JEAN, PROFESSOR DE KREYÒL NO CENTRO PUENTE, EM SANTO DOMINGO, REPÚBLICA DOMINICANA.